

**Construção de um herói em tempo de COVID-19:  
representação do coordenador da *Task Force* para a vacinação  
na RTP**

**Ana Teresa Peixinho**

(Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, CEIS20)

([ana.cristo@fl.uc.pt](mailto:ana.cristo@fl.uc.pt))

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4533-7921>

**Clara Almeida Santos**

(Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, CEIS20)

([clara.santos@uc.pt](mailto:clara.santos@uc.pt))

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9122-387X>

**Ana Teresa Peixinho:** Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC) e investigadora do CEIS20 (Grupo de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público), é doutorada em Ciências da Comunicação pela UC. Desenvolve investigação em Estudos Narrativos Mediáticos e em História da Imprensa. É também colaboradora do Centro de Literatura Portuguesa, onde integra a equipa de Edição Crítica da Obra de Eça de Queirós e o projeto “Figuras da Ficção”.

**Clara Almeida Santos:** Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC) e investigadora do CEIS20 (Grupo de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público), é doutorada em Ciências da Comunicação. Foi vice-reitora da Universidade de Coimbra para a Cultura, Comunicação, Património e Antigos Estudantes entre 2011 e 2018. Jornalista de formação, trabalhou no Canal de Notícias de Lisboa e na SIC, onde exerceu funções fundamentalmente na SIC Online. Participou em diversos projetos europeus relacionados com a diversidade nos *media* e com a igualdade de género. Foi membro da Comissão que elaborou o *Livro Branco do Serviço Público de Média*. Os principais interesses académicos são *media* digitais, comunicação e redes, imagem e comunicação, representações mediáticas e *storytelling*.

**Submissão: 5/7/2023**

**Aceitação: 24/10/2023**

# **Construção de um herói em tempo de COVID-19: representação do coordenador da *Task Force* para a vacinação na RTP**

**Resumo** (PT): Neste artigo reflete-se sobre a categoria personagem nas narrativas do jornalismo, propondo-se um estudo de caso de análise televisiva. Partindo dos quadros teóricos dos Estudos Narrativos Mediáticos (Mesquita, 2003; Lits, 2008; Reis, 2015; 2018; Peixinho, 2021) e considerando estudos anteriores sobre a cobertura noticiosa da pandemia de COVID-19 (Peixinho et al., 2022; Lopes et al., 2021), analisa-se a construção da personagem mediática do coordenador da *Task Force* para a vacinação contra a COVID-19 entre 3 de fevereiro e 27 de setembro de 2021. A análise incidiu no noticiário em *prime time* da RTP e permite concluir que: i) a personagem foi sujeita a procedimentos narrativos que figuram um ser de exceção; ii) essa excecionalidade decorre de antagonismos que constituem episódios da narrativa; iii) os temas das peças em que a figura surge são menos controversos e menos suscetíveis de gerar controvérsia; iv) o percurso da personagem é equivalente ao percurso arquetípico de um herói; v) a construção do herói contribuiu para a confiança no processo de vacinação.

*Palavras-chave: personagem jornalística, narrativa, herói, televisão, vacinação contra a COVID-19.*

## **Constructing a hero during the COVID-19 pandemic: the representation of the coordinator of the vaccination *Task Force* in public service TV in Portugal**

**Abstract** (EN): This article analyzes the character in journalism narratives through a case study of television coverage. Based on the theoretical frameworks of Media Narrative Studies (Mesquita, 2003; Lits, 2008; Reis, 2015; 2018; Peixinho, 2021) and considering previous studies on the news coverage of the COVID-19 pandemic (Peixinho et al., 2022; Lopes et al., 2021), the construction of the media character of the coordinator of the *Task Force* for vaccination against COVID-19 between February 3 and September 27, 2021, is analyzed. The analysis focused on

RTP's prime time news, and allows concluding that: i) the character is represented as an exceptional being; ii) this exceptionality stems from antagonisms that constitute episodes of the narrative; iii) the themes of the news pieces in which the figure appears are less controversial and less likely to generate controversy; iv) the character's path is equivalent to the archetypal path of a hero; v) the construction of the hero helped building trust in the vaccination process.

*Keywords: media character, narrative, hero, TV, COVID-19 vaccination.*

---

*Ao jornalista-observador solicita-se um esforço de rigor investigativo; ao jornalista intérprete pede-se um esforço de compreensão e relacionamento dos acontecimentos; ao jornalista-narrador exige-se uma “arte de contar” que faz apelo ao talento criativo (Mário Mesquita, 2023, p. 58).*

## **1. As histórias do jornalismo**

A construção de uma epistemologia do jornalismo no quadro da narratologia, para a qual o pensamento de Mário Mesquita constituiu um importante contributo (Mesquita, 2003; 2022), tem sido acidentada e equívoca e tem enfrentado preconceitos de diversa ordem (Peixinho, 2023). Neste campo tem-se sobretudo estudado o jornalismo literário ou questões de estilo e retórica do jornalismo (o estudo de géneros discursivos de fronteira, como a crónica e o perfil, ou das relações históricas entre o campo do jornalismo e da literatura). Se é certo que estes são temas com muito potencial, quer na academia nacional, quer na internacional, pensar o jornalismo à luz da teoria da narrativa exige quadros teóricos e metodológicos, bem como objetos de estudo bem mais abrangentes e problematizantes.

Este equívoco perpassa também a própria representação que os jornalistas fazem da sua atividade, enquanto produtores de textos e agentes discursivos, e que se explica em parte pelos valores fundacionais e constituintes do campo profissional, nomeadamente pelo paradigma da objetividade, da transparência e da factualidade. De acordo com Bird e Dardenne, muitos jornalistas continuam a olhar com desconfiança a discussão em torno de notícias e histórias (Bird & Dardenne, 1993, p. 263), em nome de uma relação especular entre real e notícia que será elemento caucionante e credibilizante da prática profissional. Para Barbie Zelizer (2004, p. 131) o espírito corporativo profissional e os valores caucionantes e reputacionais acima referidos – da factualidade, da objetividade, da imparcialidade – explicam que “um bom jornalista deveria silenciar a sua presença como contador de histórias”. O que singulariza o jornalismo em relação a outros tipos discursivos públicos é precisamente o facto de a sua missão ser informar os públicos de forma credível, imparcial, factual e atualizada (Renner, 2020). O paradigma do jornalismo (Deuze & Witschge, 2018; Kovach & Rosenstiel, 2014) foi construído, pois, sobre o ideal de objetividade que muitos autores consideram a dimensão primordial do modelo

profissional, com consequências na construção identitária dos profissionais, da sua autorrepresentação, mas também nas rotinas de produção noticiosa (Høyer & Pöttker, 2005)<sup>1</sup>. É esta ideologia profissional, assente num paradigma histórico que remonta aos primórdios do século XX, que explica porque os jornalistas afirmam ‘reportar factos’ e não ‘contar histórias’:

O crescimento do jornalismo enquanto profissão dotada de uma doutrina normativa que se baseia na ideia de “objetividade”, construção histórica datada da década de 20 do século passado, fez-se colocando o acento tónico na exatidão das notícias e não na arte das “histórias”. Talvez por isso, alguns sectores da comunidade profissional dos jornalistas — conforme sustenta Barbie Zelizer — reagem negativamente às análises académicas do jornalismo enquanto narrativa, em especial nos Estados Unidos, onde a “*doutrina da objetividade*” — valha o que valer — provoca a separação entre os que valorizam o jornalismo como “informação” (*news*) e os que o encaram na perspetiva de contar “histórias” (*stories*) (Mesquita, 2022, s.p.).

Estes binómios – notícia/história; facto/narrativa – devem ser dirimidos em função de uma cuidada e rigorosa problematização e definição conceptual que se exige sobretudo a académicos e estudiosos destas matérias. A epígrafe escolhida para este artigo traduz bem a relação radical entre narrativa e jornalismo e dela se infere que a ‘arte de contar histórias’ não é exclusiva do escritor ou do ficcionista, já que do jornalismo (independentemente do seu formato, linguagens e meios) se espera essa capacidade de, através de narrativas, revelar e explicar o mundo na sua complexidade.

As teorias do *newsmaking*, chamando a atenção para o processo de produção noticiosa, condicionado por constrangimentos da organização jornalística, dizem muito pouco sobre um problema mais complexo inerente também a essa produção – o dilema da linguagem como representação, que Fernando Resende (2011, p. 2) destaca:

Uma instância eminentemente discursiva, como é o caso do jornalismo, atravessada fortemente por um viés tecnicista e que busca cumprir o desejo da evidência – próprio da ciência cartesiana –, funda seu alicerce na retórica da verdade, fazendo-se, ao mesmo tempo, devedora de uma suposta realidade do acontecimento. É por este viés que foram tecidos seus marcos teóricos basilares, muitos dos quais ancoram estudos que não dão conta do discurso – e menos ainda da narrativa – como dilema da linguagem.

---

<sup>1</sup> “Conceived as a norm-based mindset the concept of ‘paradigm’ can fruitfully be used in the study of news. To write a story, journalists follow a sequence of decisions using various criteria for the selection of events, rules and methods to establish the necessary facts as raw material for their story as well as applying strategies for the presentation” (Høyer & Pöttker, 2005, p. 10).

Entende-se, pois, que a abordagem narratológica ao campo textual e discursivo do jornalismo não só não põe em causa a referencialidade das notícias que dão a ler o mundo ‘lá fora’, mas permite também uma “reavaliação da noção de narrativa e a valorização dos seus recursos de inteligibilidade” (Mesquita, 2022, s.p.). Deve, aliás, explicitar-se que as teorias da panficcionalidade<sup>2</sup>, que encontraram na pós-modernidade terreno fértil para o esbatimento de fronteiras entre universos de representação e para um relativismo radical, não são operativas quando o estudo é a narratividade jornalística. Trata-se, antes, de questionar e desconstruir uma das metáforas fundacionais do campo profissional (Tuchman, 1999; Conboy & Tang, 2016; Gravengaard, 2011), que projeta o jornalista como mediador assético, capaz de refletir o mundo e espelhar a realidade, e, por outro lado, de aceitar que o jornalismo é também e sobretudo um campo sociodiscursivo composto por narrativas (Fulton, Dunne, Huissman & Murphet, 2005; Motta, 2013a). Essas narrativas são inevitavelmente construções e pressupõem escolhas, seleções, produção e composição:

Narrar é uma técnica de enunciação dramática da realidade, de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude – quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração (Motta, 2013, p. 74).

Na linha de autores como Fernando Resende (2011), Gonzaga Motta (2013), Marc Lits (2001; 2008; 2009) e Mário Mesquita (2003; 2022), este estudo problematiza um aspeto específico da construção narrativa das notícias: a construção da personagem jornalística.

## **2. A personagem nas notícias**

A relação entre personagem e pessoa é uma das questões centrais da teoria da personagem e tem especial complexidade em narrativas factuais como as do jornalismo ou as da historiografia. Marc Lits fala em ‘deslizamento’ entre a pessoa e a personagem e explica que a personagem jornalística, tal como sucede na narrativa realista, tem como função

---

<sup>2</sup> Na década de 80 do século passado, cunha-se o termo panficcional e panficcionalidade para designar criticamente a perspetiva pós-moderna que punha em xeque as fronteiras entre ficção e não ficção. O termo foi usado em três áreas distintas: metafísica/ontologia; epistemologia e teorias da representação (Zippel, 2020).

primeira ancorar a narrativa no real, sendo agente da ação e a mediadora de discursos sobre o mundo e os acontecimentos, funções que a transformam em “facilitador cognitivo” das notícias (Lits, 2008). Mário Mesquita, por seu lado, entende que, em narrativas factuais como as do jornalismo, se detetam investimentos ideológicos e procedimentos de construção similares aos das narrativas ficcionais, mas ressalva que “a personagem jornalística coincide, nos seus traços principais, com a pessoa retratada”, exigindo um labor prévio à construção narrativa: “observação, documentação, inquérito e interpretação desenvolvidos pelo jornalista, a fim de reunir os elementos relativos ao referente objetivo” (Mesquita, 2003, p. 132).

Destacam-se nestas observações alguns aspetos que merecem ponderação, nomeadamente: a definição do que se entende serem os traços principais do retratado; quem e o que os determina; em função de que objetivos. Mário Mesquita responde parcialmente a estas perguntas, argumentando que é a “interpretação do jornalista”. A esta interpretação acrescentam-se ainda fatores intrínsecos ao processo de produção noticiosa e ao funcionamento do sistema mediático: i) o valor noticioso da figura; ii) o género discursivo e o formato da narrativa; iii) o tipo de *medium*; e iv) a linha editorial do meio de comunicação social. Estes são fatores de relativização suficientemente expressivos, em número e capacidade de impacto, que justificam uma ponderação quando se utiliza o conceito de personagem jornalística. Embora a pessoa seja “elo fundamental” e tenha uma importante componente indicial, há uma considerável margem de construção e de figuração<sup>3</sup> que traduz, se não uma distinção nítida entre pessoa e personagem, pelo menos o estatuto dúplice da personagem jornalística. Assume-se, pois, que a personagem, tal como outras categorias da narrativa, são sempre produto de uma *mise-en-récit*<sup>4</sup> à qual o analista e o investigador, mas também o jornalista, devem estar atentos.

É, portanto, essencial cruzar a dimensão narratológica – o estudo da personagem como categoria particular da narrativa – com a dimensão deontológica – como resultado de um fazer adstrito a procedimentos de produção e construção, regulados por normas e valores

---

<sup>3</sup> “A figuração designa um processo ou um conjunto de processos discursivos e metaficcionais que individualizam figuras antropomórficas, localizadas em universos diegéticos específicos (...) pode ser encarada numa aceção translata, quando observamos a sua ocorrência em discursos que não são formal ou institucionalmente literários: na historiografia, na epistolografia, nos discursos de imprensa (...) e no espaço das redes sociais” (Reis, 2018, p. 165). Veja-se ainda Reis, 2021.

<sup>4</sup> Il ne faut pas non plus continuer à croire en une vérité absolue des faits, qui ne seraient que restitués par des journalistes, là où il y a toujours mise en récit et scénarisation, dès qu’il y a restitution d’un événement par l’intermédiaire du texte ou de l’image (Lits, 2001, p. 9).



profissionais. Acrescenta-se a estas duas dimensões uma terceira, a da ética narrativa (Ricoeur, 1983): como laboratório do agir humano, a sua mediação em três tempos permite aceder ao poder da narrativa na construção da realidade. Por isso, exatidão, rigor, autenticidade, contenção devem ser deveres dos meios de comunicação social quando dão a ler os atores sociais que protagonizam as notícias.

Considerando os procedimentos de produção noticiosa, bem como o funcionamento do sistema mediático, uma linha de reflexão importante é a que analisa os múltiplos níveis de construção da personagem jornalística. O regime de representação não depende exclusivamente da capacidade seletiva e compositiva de quem produz as notícias, em função de mecanismos específicos decorrentes da práxis profissional. Depende também de uma relação de forças, entre máquinas de comunicação e de imagem, cada vez mais sofisticadas, sobretudo em alguns domínios de atuação (como a política ou o desporto), e as redações. O produto que chega ao público é já o resultado de composições intersubjetivas, dialógicas e altamente profissionalizadas. Daí que, de acordo com Mário Mesquita (2003, p. 138), a personagem jornalística resulte sempre de um espaço de negociação entre promotores (máquinas de comunicação), construtores (*media*) e consumidores (os públicos).

Um quarto tópico de reflexão particularmente relevante tem que ver com a medialidade<sup>5</sup> narrativa, isto é, a relação entre personagem e dispositivos de mediação, pois, em função destes e das suas linguagens, a personagem jornalística é sujeita a procedimentos de construção diversos com diferentes níveis de impacto nos modos de visibilidade pública. Se, na década de 90 do século passado, Marc Lits reconhecia o impacto da “inflação galopante da imagem televisiva” na relação entre a esfera pública e privada, hoje, na era digital, pautada pela instantaneidade, pela multimedialidade e pelo acesso aparentemente fácil a um espaço público fragmentário, essa relação é ainda mais porosa e ambígua. Embora sem referir o conceito de transmedialidade, Lits (2001; 2009) chama a atenção para o impacto dos dispositivos de mediação, das linguagens e das lógicas

---

<sup>5</sup> Ao conceito de mediação – excessivamente preso a uma aceção restritiva de narrativa e de narratividade – e ao conceito de remediação (Bolter & Grusin, 2000; Grusin, 2008) – que contempla uma ideia de melhoramento e requalificação – prefere-se, pois, o termo medialidade, cuja semântica aponta para uma dimensão relacional e gradativa. Os autores francófonos da Narratologia Mediática optam pelo termo *mediavité*, neologismo decalcado do conceito narratividade (*narrativité*) (Marion, 1993; 1997), para se referirem aos parâmetros que definem o potencial expressivo e comunicacional de um *medium*: “La mediavité est donc cette capacité propre de représenter – et de placer cette représentation dans une dynamique communicationnelle – qu’un média possède quasi ontologiquement” (Marion, 1997, p. 80).

comunicacionais dos sistemas mediáticos na configuração de personagens. Para o estudo de caso que se propõe neste artigo, será, pois, importante ter em consideração as especificidades da linguagem televisiva, o impacto que a televisão teve no consumo de informação no período e contexto em estudo (pandemia de COVID-19), bem como o funcionamento em rede da informação, que rapidamente circula, se dissemina e é apropriada e transformada pelo cidadão comum. Recorde-se ainda que a construção do herói (conceito que se retomará adiante) – e mais recentemente também de celebridades<sup>6</sup> – sempre dependeu da imagem e das tecnologias de mediação, uma vez que visibilidade e notoriedade estão intimamente relacionadas (Cathcart, 1994).

Em síntese, pode afirmar-se que a compreensão da personagem jornalística como uma categoria particular e central nas narrativas jornalísticas exige a ponderação destes aspetos, o que permitirá entendê-la como entidade que vive na encruzilhada da realidade, da representação e do mito (Lits, 2008, p. 141).

### **3. Personagem jornalística: da *mimesis rudimentar* à heroicização**

Os meios de comunicação social constroem os atores sociais recorrendo a certos procedimentos de construção de natureza retórico-discursiva e narrativa. Projetam e modelam imagens, muitas vezes mitificadas ou diabolizadas, com consequências para a perceção pública em diversos setores da sociedade. Trata-se, pois, de uma questão central do poder de representação do jornalismo de grupos e de indivíduos do mundo da política, do desporto, da cultura, etc., a que as teorias críticas e os estudos culturais têm dado particular relevância (Martins, 2015; Marques, 2021):

A questão fundamental da personagem já não é mais a do herói capaz de *hamartia*, como em Aristóteles, nem a do herói problemático de Lukács, nem a dos actantes greimasianos – para não falar dos papéis na descrição de Propp – nem a do ser de papel de Barthes. Nessa pós-modernidade do espetáculo e da contínua obsolescência, do desejo erigido em deidade insaciável, propiciado por mercadorias sempre renovadas e sempre inócuas, a noção de

---

<sup>6</sup> Discutindo a celebridade no contexto mediático contemporâneo, o autor explica que “mass-produced newspapers, on the other hand, provided an equally essential ingredient in the recipe for the modern celebrity / hero – the journalist as storyteller (...) The newspapers and magazines, by their incessant highlighting of individuals and events to sell papers, and their tendency to translate every situation into terms of personal will and conflict, were instrumental in creating the signs by which modern fame would be recognized” (Cathcart, 1994, p. 38). Porém, no caso de estudo em apreço, não é da construção de uma celebridade que se trata, mas sim de um herói, como se pretende demonstrar pela análise adiante.

personagem não acolhe mais qualquer definição de fixidez, de unidade social ou moral ou de coerência psíquica ou axiológica (Bordini, 2006, p. 141).

Simplificação, estereotipia, heroicização, personalização, fragmentação e intersubjetividade são características da personagem do jornalismo (Mesquita, 2003; Peixinho, 2014; 2021). Por motivos de legibilidade e de economia narrativa, as narrativas jornalísticas captam geralmente apenas alguns traços que permitem a identificação célere e eficaz das figuras, privilegiando a existência de personagens planas, muito à semelhança do que sucede nas narrativas breves, como os contos infantis ou populares, ou nas narrativas audiovisuais de entretenimento, como nos *reality shows* (Ryan, 2021, pp. 75-104), que geralmente remetem para quadros axiológicos e normativos facilmente apreensíveis.

Assim, é muito comum o recurso a procedimentos retóricos similares aos da literatura popular, em que as personagens valem essencialmente pelas funções que desempenham, possuindo atributos que facilitam a sua rápida identificação. De acordo com Marc Lits (2008, p. 145), as figuras públicas são construídas como personagens de telenovela, com uma personalidade simples e constante; já Mário Mesquita (2003, p. 126) entende que as personagens jornalísticas emanam de uma “mimese rudimentar”, pois partilham “traços fundamentais das paraliterárias em que (...) a complexidade cede lugar à “eficácia narrativa”, pouco incomodada com “subtilezas psicológicas”.

As lógicas de produção noticiosa explicam em parte o caráter redutor da personagem jornalística: questões de tempo, de falta de recursos, de regras de construção excessivamente padronizadas não proporcionam grandes investimentos semânticos na figuração de personagens com espessura e densidade anímica. A personagem jornalística é fundamentalmente agente ou paciente de determinadas ações, tendo, portanto, um valor acional cuja ligação ao enredo é inextricável. Quando as diversas figuras que povoam o universo social deslizam para as narrativas jornalísticas, adquirindo o estatuto de personagens, perdem a dimensão humana e complexa que ontologicamente possuem, para se verem reduzidas a uma soma de traços identificadores, que compõem os seus perfis esquemáticos e incompletos (Lits, 2009; Peixinho, 2014; 2021).

A simplificação, sobretudo presente em géneros de maior circulação, como a notícia (independentemente do formato e do *medium*) e algumas reportagens, cria atores sociais cuja figuração assenta em lógicas de economia e, sobretudo, numa visão maniqueísta do

mundo. Ela é, pois, resultado de práticas de representação estereotipadas, logo, redutoras e excludentes, mas com grande poder de naturalização (Hall, 2016).

Decorrente da construção de mundos narrativos polarizados, muitas vezes as narrativas jornalísticas sugerem enquadramentos (Correia, 2011; Van Dijk, 2005) e oferecem os *scripts* mais facilmente assimiláveis pelos públicos, identificando e ajudando a construir heróis e vilões. Sendo a narrativa uma estrutura que assenta na polémica e se alimenta do conflito (Lits, 2001; Phelan, 2006; 2008) e considerando os critérios de noticiabilidade, bem como as lógicas hiperconcorrenciais que os meios de comunicação social enfrentam, compreende-se que o recurso a enredos e a personagens arquetípicos seja dominante. Entre estes arquétipos, um destaca-se pelo seu poder de atração e pela sua profunda e longa tradição cultural – o herói, definido como “a figura central de um relato, implicando-se nele uma valoração positiva da personagem, em termos axiológicos, sociais ou morais”, é, pois, “um protagonista qualificado que se salienta do conjunto das restantes personagens por ações excepcionais, muitas vezes, difíceis de entender ou de igualar” (Reis, 2018, p. 193).

A personagem jornalística pode ser ainda investida de propriedades capazes de gerarem a empatia das audiências (através de projeções e identificações), processo que elide, muitas vezes, a dimensão sociopolítica dos acontecimentos, fazendo sobressair facetas mais humanas e individuais das figuras e das histórias que protagonizam. De acordo com Robert Cathcart, a emergência do negócio da informação no final do século XIX, nos EUA, explica como jornais e revistas de informação, numa lógica comercial de mercado, tendencialmente representaram os acontecimentos numa lógica de *storytelling*, privilegiando o individual, o conflito e o *pathos* em detrimento do *ethos* ou do *logos*. Este processo de personalização ou fulanização, tradicionalmente ligado a jornais populares ou tabloides, é hoje dominante, num panorama em que os *media* se constituem como palcos virtuais de exibição de personagens. Parte da hipótese de trabalho definida para o estudo de caso integra precisamente a fulanização do vice-almirante Gouveia e Melo, que os *media* portugueses elevaram a herói do processo de vacinação contra a COVID-19, retomando narrativas de dimensão mítico-simbólica.

Ao contrário do que sucede com a maioria das personagens ficcionais, a personagem jornalística é construída de modo episódico, através dos diferentes textos, de géneros muito distintos e em *media* também diferentes, produzidos e difundidos ao longo de um período mais ou menos alargado de tempo. Esta construção parcelar e fragmentária tem

implicações no modo de apreensão da personagem e no relacionamento dos públicos com as figuras jornalísticas, mas também exige, da parte dos investigadores e analistas, a definição prévia de modalidades de análise, já que a análise de uma figura pública mediatizada pode ser mais ou menos ampla.

#### **4. Estudo de caso: construção televisiva de um herói<sup>7</sup>?**

Propõe-se uma análise do modo como foi construída a personagem mediática do coordenador da *Task Force* para a vacinação contra a COVID-19, o então vice-almirante Henrique Gouveia e Melo, nos quase oito meses em que esteve em funções. Tendo sido objeto de grande atenção mediática, o coordenador da *Task Force* passou a ser o protagonista de um dos capítulos da narrativa sobre a pandemia, o que pode ser confirmado por uma leitura dos jornais (populares e de referência), das revistas (de informação, cor-de-rosa e de *life style*), dos noticiários televisivos e dos programas de diferentes formatos (opinião, debate, *fact-checking*, etc.).

Analisa-se os noticiários em *prime-time* do canal público de televisão (RTP1 – *Telejornal*) entre 3 de fevereiro e 27 de setembro de 2021. A escolha da televisão justifica-se pelos dados relativos ao consumo dos *media* noticiosos, que indicam que foi este o meio que teve maior impacto durante o período da pandemia de COVID-19 (Cádima & Ferreira, 2021; Serrano, 2021).

Para esta análise parte-se de algumas hipóteses:

- i) O coordenador da *Task Force* foi sujeito a procedimentos de mitificação e de heroicização, que não só promoveram uma figura pública confiável, e muito possivelmente determinante para a confiança no processo de vacinação, como tiveram consequências noutros domínios de atuação que extrapolam o contexto original (militar e político), alguns dos quais ainda em aberto;
- ii) Associado a um conjunto de predicados virtuosos – como a coragem, a resiliência, a determinação, a liderança – e identificado com um conjunto de valores – seriedade, ética do trabalho, individualismo, superação –, Gouveia e Melo foi representado pelos *media*

---

<sup>7</sup> Este estudo de caso decorre dos trabalhos de um grupo de investigação informal que reúne seis investigadoras de quatro universidades do país, coordenado pela Prof. Felisbela Lopes, e que, desde finais de 2020, tem trabalhado a mediatização da pandemia (ComVEU – Communication and Vaccination EU).

como uma figura de autoridade, apolitizada, excecional, um herói salvífico, perfeitamente enquadrável na narrativa bélica e disruptiva associada à pandemia;

iii) Acresce a esta excecionalidade o facto de os *media* terem integrado, como já se referiu, a personagem num guião milenar (Messianismo), retomando narrativas de dimensão mítico-simbólica nacionais (Sebastianismo).

## 5. Percurso metodológico

A análise é qualitativa e recorre aos dispositivos de análise narrativa (Cunha & Peixinho, 2021; Elliott, 2005; Peixinho, 2023; Reis, 2015; 2018; Riessman, 2005). Propõem-se sete categorias de análise (desdobradas em subcategorias), que decorrem do quadro teórico desenvolvido, dialogando com a teoria da personagem jornalística. A Tabela 1 identifica as categorias e as subcategorias de análise mobilizadas:

Tabela 1 | Categorias e subcategorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE							
SUBCATEGORIAS	I	II	III	IV	V	VI	VII
	Identificação	Temas	Presença da personagem	Relevo da personagem	Presença /tempo	Ação da personagem	Caracterização da personagem
	N.º		Não figura	Protagonista		Material	
	Género		Figura	Secundária		Mental	
	Duração			Figurante		Relacional	
	Alinhamento					Verbal	

A categoria I – Identificação – permite contabilizar o número de peças analisadas, o género a que pertencem, a sua duração e a indicação da sua inserção no alinhamento do noticiário.

A categoria II – Temas – permite aceder à construção semântica da narrativa, na qual a personagem é agente central e que é configurada por opções profissionais, com implicações políticas e ideológicas. Partindo do facto de que todas as peças têm como

macrotema a vacinação contra a COVID-19, deteta-se a presença de 13 temas secundários.

A categoria III – Presença da personagem – é importante para se compreender a percentagem de peças que, durante o período em análise, têm como personagem o coordenador da *Task Force*. Depois de determinado o *subcorpus* em que a personagem figura, a análise prosseguirá através das categorias seguintes (IV a VII), que se aplicam unicamente a esta parte do *corpus*.

As categorias IV, V, VI e VI – Relevo, Presença ao longo do tempo, Ação e Caracterização – incidem exclusivamente na análise da Personagem, permitindo ilações sobre a sua figuração. Entende-se a personagem como uma categoria dinâmica cuja operatividade provém não só da relação com outras categorias da narrativa – incluindo nestas as “inter-relações acionais” com outras personagens –, mas também do seu papel na construção da ação narrativa.

O relevo é um dispositivo narratológico que permite determinar o papel da personagem na narrativa: como protagonista, sempre que a personagem é dominante na narrativa da peça (agente da ação central, ocupando maior espaço diegético, anunciada pelo pivô, e, na maior parte das vezes, com discurso direto); como personagem secundária, quando participa, mas não lhe é dado o destaque central (não é anunciada pelo pivô, ocupa um espaço diegético mais reduzido, pode não assumir o discurso); e como figurante, sempre que a personagem aparece sem papel nem discurso<sup>8</sup>.

A ação e a caracterização são dispositivos narrativos que configuram uma semântica da personagem, determinantes para a sua representação e figuração, e estão dependentes de opções da instância narradora – no caso em estudo, que analisa narrativas jornalísticas televisivas, necessariamente uma instância plural, que implica questões de natureza técnica, mas também social e deontológica. A ação é composta pela articulação das microações que ocorrem ao longo do tempo e que são vividas pela personagem. Na sua análise, convém ter em consideração algumas propriedades da narrativa jornalística, nomeadamente a sua natureza episódica, compósita e aberta. Por outro lado, considerando as lógicas elementares da narrativa jornalística, bem como a mimese rudimentar que geralmente preside à figuração das suas personagens, propõe-se uma leitura da ação no quadro da linguística sistémico-funcional de Halliday (2004) (processos materiais,

---

<sup>8</sup> Sobre esta tipologia, remete-se para Reis, 2018.

mentais, relacionais e verbais) e, posteriormente, uma leitura holística à luz da semiótica greimasiana (embora cientes das críticas e limitações apontadas a esta abordagem)<sup>9</sup>.

A caracterização da personagem será feita mediante a análise de dois elementos das peças: os discursos do pivô e do repórter (nomeação e qualificação) permitem a caracterização direta; os planos de filmagem (ângulos, enquadramentos e movimentos de câmara) darão acesso à caracterização indireta (não sendo explicitada, estimula respostas e interpretações por parte da instância recetora). Esta caracterização indireta será reforçada pela análise da forma como a personagem do vice-almirante surge aos olhos do telespectador, nomeadamente no que diz respeito à sua indumentária, atitude e discurso.

## **6. Análise narrativa**

### **I. Identificação das peças**

O *corpus* integra 394 peças recolhidas em função das palavras de pesquisa ‘vacina’ ou ‘vacinação’. As peças distribuem-se pelos géneros discursivos representados na Tabela 2. A reportagem domina com 84,5% das ocorrências, seguida dos Off 2 e 1, com 8,1% e 1,3%, respetivamente, e dos diretos, com 2,3%.

---

<sup>9</sup> As críticas apontadas à abordagem greimasiana e, em geral, à conceção estruturalista de personagem são essencialmente o esvaziamento da dimensão semântica e referencial, bem como a desvalorização da dimensão temporal essencial à narratividade. Embora seja um paradigma já superado, esta conceção de personagem oferece dispositivos analíticos e conceitos relevantes e operantes para a teorização e a análise da personagem jornalística. Recupera a análise da morfologia do conto popular de Propp, que havia proposto 31 funções e sete círculos de ação e a leitura actancial da narrativa de Greimas, na qual a personagem era a expressão de uma gramática narrativa declinada em seis actantes (Baroni, 2017; Reis, 2018).



Tabela 2 | Gêneros

<b>GÊNEROS</b>		
	N.º	%
Análise	5	1,3
Debate	1	0,3
Direto	8	2
Entrevista	4	1
Grande Reportagem	2	0,5
Off 1	5	1,3
Off 2	32	8,1
Reportagem	334	84,8
Rubrica de opinião	3	0,8

A duração das peças oscila entre o mínimo de 32 segundos e o máximo de oito minutos (sendo esta última uma entrevista a Henrique Gouveia e Melo, coordenador da *Task Force* para a vacinação contra a COVID-19).

## II. Temas das peças

A tabela 3 representa os (sub)temas das peças em análise: o processo de vacinação, com 25% de incidência, é o tema mais frequente, seguido dos temas da situação vacinal (nacional e internacional) e da produção e distribuição de vacinas, com 12,4% e 11,7%, respetivamente. O tema menos representado é o dos protestos antivacinas, com uma ocorrência singular, imediatamente seguido do da *Task Force*, com seis ocorrências (1,5%), e dos da vacinação de figuras públicas e da certificação sanitária, ambos com sete ocorrências, o equivalente a 1,9%.

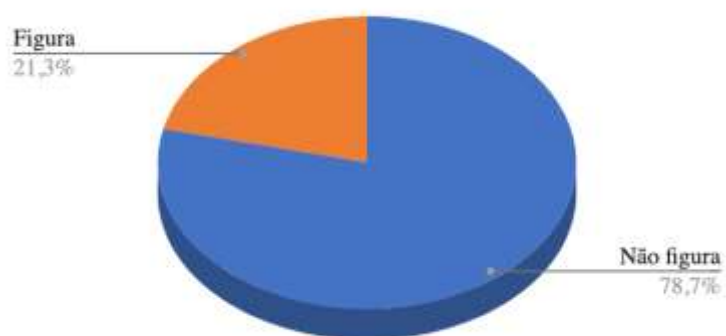
Tabela 3 | Temas principais das peças

TEMAS PRINCIPAIS		
	N.º	%
Certificação sanitária	7	1,776649746
Desconfinamento	17	4,314720812
Efeitos secundários vacinas	26	6,598984772
Eficácia vacinas	41	10,40609137
Irregularidades	12	3,045685279
Processo da vacinação	97	24,61928934
Produção e Distribuição	46	11,6751269
Protesto anti-vacinas	2	0,5076142132
Segurança vacinas	13	3,299492386
Situação vacinal	49	12,43654822
Task-force	6	1,52284264
Vacinação de grupos específicos	71	18,02030457
Vacinação figuras públicas	7	1,776649746
TOTAL	394	100

### III. Presença da personagem

A personagem do coordenador da *Task Force* está presente em 84 destas peças, ou seja, em 21,3% das peças do *corpus*, conforme é representado pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 | Presença da personagem nas peças do *corpus*



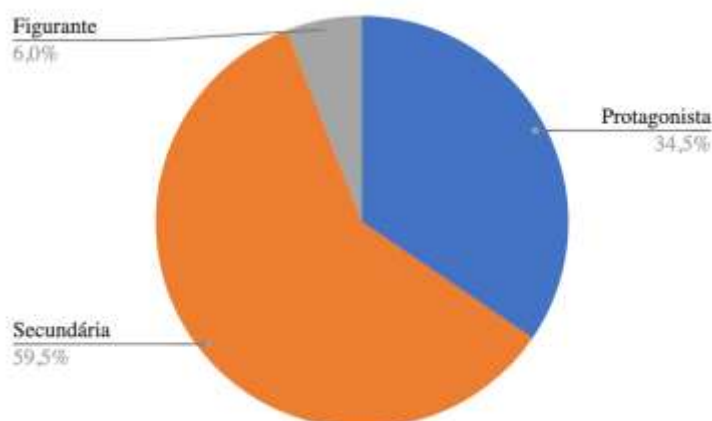
#### IV. O relevo da personagem

A análise relativa ao relevo da personagem, representada na Tabela 4 e no Gráfico 2, mostra que em 29 peças ela surge como protagonista, em 50 peças como personagem secundária e, embora de modo residual, como figurante em 5 peças.

Tabela 4 | Relevo da Personagem

	Protagonista	Secundária	Figurante	Total
N.º	29	50	5	84
%	34,5%	59,5%	5,9%	100

Gráfico 2 | Relevo da personagem nas peças do *corpus*



A análise aos temas das 84 peças em que a personagem figura está representada na Tabela 5. 40,5% das peças em que a personagem aparece são sobre o ‘Processo de vacinação’ (34 peças) e 22,7% sobre a ‘Vacinação de grupos específicos’ (19 peças). Há dois temas não representados – ‘Certificação sanitária’ e ‘Vacinação de figuras públicas’ (ambos com zero ocorrências) – e temas residuais, como o das ‘Irregularidades’, o dos ‘Efeitos secundários’ ou o do ‘Desconfinamento’.

Tabela 5 | Relação de temas e personagem

Temas / Personagem	Temas/corpus	Temas /Figura	%
Certificação sanitária	7	0	0
Desconfinamento	17	2	2,41
Efeitos secundários vacinas	26	2	2,4
Eficácia vacinas	41	4	4,8
Irregularidades	12	1	1,2
Processo da vacinação	97	34	40,5
Produção e Distribuição	46	4	4,8
Protesto anti-vacinas	2	1	1,2
Segurança vacinas	13	2	2,4
Situação vacinal	49	10	12
Task-force	6	5	6
Vacinação de grupos específicos	71	19	22,7
Vacinação figuras públicas	7	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>394</b>	<b>84</b>	<b>100</b>

#### V. Distribuição das peças com a presença do vice-almirante ao longo do tempo

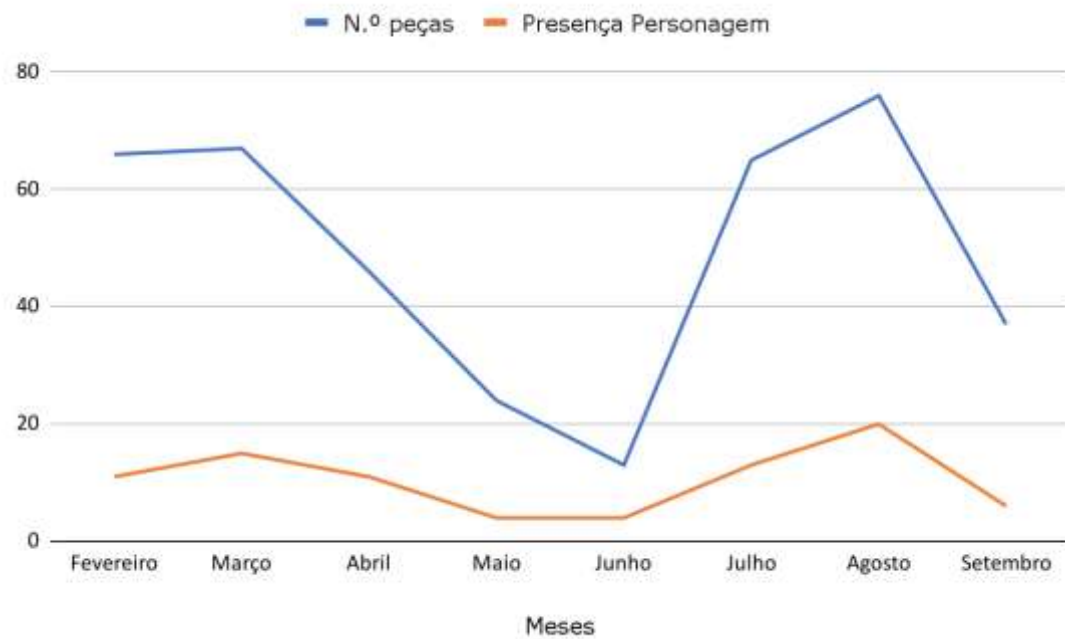
Durante o período em análise, as peças que integram o vice-almirante Gouveia e Melo como personagem distribuem-se conforme mostra a Tabela 6:

Tabela 6 | Presença Personagem / Tempo

Meses	N.º peças	Presença Personagem
Fevereiro	66	11
Março	67	15
Abril	46	11
Maiο	24	4
Junho	13	4
Julho	65	13
Agosto	76	20
Setembro	37	6
<b>TOTAL</b>	<b>394</b>	<b>84</b>

O Gráfico 3 permite visualizar a evolução dessa presença: há um aumento em março – mês que coincide com o primeiro mês em funções do coordenador da *Task Force* – e um outro pico em agosto, que acompanha o mês com mais peças e em que se processa a vacinação das camadas mais jovens da população e a proximidade da imunidade de grupo.

Gráfico 3 | Distribuição temporal da presença da personagem



## VI. Ação da personagem

A Tabela 7 representa a tipologia dos processos acionais desencadeados pela personagem. Percebe-se que predominam as ações de tipo material e verbal, sendo as de tipo mental e relacional bastante mais reduzidas.

Tabela 7 | Tipologia das Ações da Personagem

TIPOLOGIA DAS AÇÕES DA PERSONAGEM			
Processos Materiais	Processos Verbais	Processos Relacionais	Processos Mentais
Acelerar Adaptar (o plano) Apertar (critérios) Atingir (meta/imunidade) Atuar Aumentar (velocidade) Bater (record) Chefiar Combater Começar a Cumprir (plano) Cruzar (meta) Defender Definir (metas) Fazer Ganhar (guerra, batalha) Inocular Levar (as rédeas) Liderar Medir (o pulso) Planear Preparar (sistema) Recuperar Reforçar Puxar (processo) Retomar (ritmo) Salvar (vidas) Triplicar (capacidade) Vacinar Vencer (vírus) Visitar (tropas)	Aconselhar Admitir (atrasos) Anunciar Apelar Esclarecer Explicar Falar Garantir Prometer (acelerar) Responder Revelar	Ajudar Compensar Dar (lição) Deixar (o alerta) Pedir Ter (todos vacinados)	Acreditar Ambicionar Estar confiante Querer Prever Refletir Ter (esperança)

Uma leitura holística das peças em análise, emitidas entre fevereiro e setembro de 2021, permite detetar um percurso ascensional da personagem, desde o momento em que é publicamente apresentada até ao momento da sua saída da coordenação da *Task Force*. Estes oito meses são representados por uma caminhada em que é possível distinguir um percurso de heroificação. Este percurso, lido no quadro da gramática de Greimas (Tabela

8), consente uma leitura funcional e esquemática da personagem, decorrente da “mimese rudimentar” que Mário Mesquita atribui à construção da personagem jornalística.

Tabela 8 | Esquema actancial

<b>Destinador</b>	<b>Sujeito</b>	<b>Destinatário</b>
Governo de Portugal	vice-almirante Henrique Gouveia e Melo	Povo Português Retoma da ‘normalidade’
<b>Adjuvante</b>	<b>Objeto</b>	<b>Oponente</b>
Povo Português	Vacinação em massa	Vírus; Irregularidades; falhas na distribuição de vacinas; “obscurantismo e negacionismo”; indefinições da DGS; tempo da ciência

## VII. Caracterização da personagem

Para aferir a caracterização indireta do vice-almirante, analisou-se a forma como a personagem surge nas peças e quais as estratégias de gramática audiovisual mais presentes. A imagem de Gouveia e Melo surge, fundamentalmente, em cinco situações<sup>10</sup>:

- i) imagem da personagem em ação, com *off* do/a jornalista, caso em que a imagem do coordenador é veiculada por planos gerais ou planos americanos;
- ii) coordenador da *Task Force* a prestar declarações no âmbito das reportagens, com o plano de ombros em 39,1% das peças em que se regista discurso direto do vice-almirante (69 peças, correspondendo a 82,1% do total da amostra em que surge a personagem);
- iii) declarações realizadas por via telemática através de uma plataforma de videoconferência, em que o plano surge frequentemente em contrapicado, o que decorre do posicionamento da câmara; refira-se que nesta situação (que ocorre em 13% de todas as situações de discurso direto) a qualidade da imagem é sofrível;
- iv) transmissão das mensagens da personagem através de ficheiros de áudio cedidos por outros *media* ou transcrição em grafismo de declarações, sem vídeo;

<sup>10</sup> Refira-se que algumas peças apresentam mais do que uma das situações elencadas.

v) declarações em contexto de conferências de imprensa, sobretudo decorrentes das reuniões periódicas no Infarmed, com planos médios (28,9% dos casos em que se registam declarações).

## 7. Conclusões

A RTP1 no Telejornal deu considerável visibilidade ao processo de vacinação, entre fevereiro e setembro de 2021. A figura do coordenador da *Task Force* integra como personagem 21% das peças sobre o tema, sendo protagonista em 34,5%.

Em termos temáticos, a figura do coordenador da *Task Force* surge fundamentalmente em peças que tematizam o processo vacinal e a vacinação de grupos específicos – o que se explica por ter sido ele o responsável pela coordenação da vacinação. Esta constatação ajuda a mitigar a aparente pouca expressão percentual de outros temas [a situação vacinal da população portuguesa (12,4%), a produção e distribuição (11,7%) e a eficácia das vacinas (10,4%)]. Por outro lado, há temas cujo tratamento teve um tom e uma abordagem menos positivos, sobretudo quando comparados com a situação vacinal, que são tratados em peças em que a figura em questão está praticamente ausente: por exemplo, a produção/distribuição de vacinas, a segurança vacinal e as irregularidades processuais. Quando o vice-almirante aparece em peças de tom menos positivo, este manifesta, por um lado, uma clara convicção na eficácia das vacinas, decorrente da confiança na ciência, e, por outro, uma preocupação em imputar responsabilidades pelos atrasos no plano a entidades externas à *Task Force*.

Do ponto de vista do papel da figura nas narrativas, percebe-se que ela é sobretudo utilizada pelo seu valor acional e discursivo. As ações da personagem apontam para a sua missão de coordenação da *Task Force* para a vacinação e são, muitas vezes, utilizadas conotativamente através do uso de verbos do campo semântico militar (combater, vencer, ganhar, liderar). Esta ligação decorre em parte da narrativa bélica da pandemia, cedo criada pelos *media* nacionais e internacionais (Cunha & Peixinho, 2021) e replicada por líderes políticos; mas também deve ser entendida como parte de uma estratégia de comunicação da própria *Task Force*, liderada por um militar, que faz questão de surgir sempre nas imagens com a sua farda de campanha (farda n.º 3) e de usar, no seu discurso público, diversas metáforas bélicas. Os processos verbais – os que surgem em segundo



lugar – introduzem atos de fala diretivos, dando à personagem um lugar de fala dominante (aconselhar, avisar, explicar). As peças que usam vivos (quer em voz *off* quer em direto) de Gouveia e Melo, que são a maioria (72,6%, o equivalente a 61 peças), apresentam muitas vezes a figura a assumir um discurso pedagógico e doutrinário, explicando, aconselhando e avisando. Quanto aos processos relacionais e mentais, eles ocorrem através de ações valoradas positivamente, conferindo à personagem a capacidade de liderança e de esperança no sucesso do processo vacinal. Aliás, o discurso da personagem é também ele muitas vezes metafórico e imagético, como se disse, recorrendo a imagens facilmente identificadas pelo cidadão comum, porque em diálogo com a sua gramática cultural.

É possível, pois, a partir de uma análise diacrónica das peças da RTP<sup>11</sup>, distinguir uma narrativa fechada, que constrói a ascensão do então vice-almirante Henrique Gouveia e Melo, enquadrando-o no percurso a três tempos do herói (Cathcart, 1994; Vogler, 2007)<sup>12</sup>. Desde logo, porque as primeiras e últimas peças do *corpus* têm como tema central a *Task Force*: no início, apresenta-se o novo coordenador como o “homem forte”, o “militar” que vem substituir alguém envolvido em irregularidades processuais, para “chefiar” e “apertar normas”; no final, refere-se a sua saída, depois do dever cumprido. De homem forte, no qual são depositadas as esperanças de salvação coletiva, até ao militar que cumpre o seu dever e se retira de cena, a personagem enfrenta diferentes oponentes, antecipa problemas e supera obstáculos de diversa ordem: sejam as irregularidades do processo, as falhas no sistema de distribuição (imputadas às entidades europeias), os movimentos antivacinas, as indefinições da DGS, o tempo de espera pela decisão de especialistas e cientistas, ou a falta de adesão à vacinação por certos grupos. A superação destes obstáculos – sempre externos à *Task Force* – leva ao sucesso, traduzido na taxa de vacinação do país e nos índices de popularidade do coordenador Gouveia e Melo (como mostra uma sondagem apresentada no noticiário de 19 de julho).

Aliás, a análise da distribuição temporal das peças permite concluir por uma estabilidade relativa da presença da personagem. Ainda que haja um decréscimo acentuado do número

---

<sup>11</sup> Entende-se cada peça como um episódio de uma narrativa maior, de acordo com a sugestão analítica de Gonzaga Motta (2013).

<sup>12</sup> Existem diversas propostas sobre a tipificação deste percurso: por exemplo, Campbell, na década de 40 do século XX, ou Christopher Vogler, na primeira década deste século. Apresentando diferenças, ambas preveem um percurso em três etapas: partida (a chamada para a ‘aventura’), iniciação (percurso singular feito de obstáculos e superação) e o regresso (coincidente com o prémio pelos feitos conquistados) (Campbell, 1949; Vogler, 1998).

de peças sobre vacinação entre maio e junho, Gouveia e Melo mantêm uma presença expressiva.

A “construção do herói” e a imagem de credibilidade e eficácia da campanha podem ser interpretadas como fatores que conduziram ao “milagre português” traduzido no sucesso da adesão à vacinação. Não se trata de um fator isolado, mas antes de um episódio inserido numa narrativa mais ampla e com lastro diacrónico. De acordo com dados da DGS (que analisam os 58 anos de existência do Plano Nacional de Vacinação em Portugal), existe uma elevada cobertura vacinal da população ao longo dos anos – entre 95 e 98% das vacinas são administradas em crianças até aos seis anos. Há, pois, uma confiança histórica na vacinação que as várias narrativas (coordenador da *Task Force* incluído) reforçam.

É ainda de sublinhar que o vice-almirante aparece vestido com camuflado (uniforme n.º 3, de campanha) em 92% das situações em que presta declarações. A indumentária é extremamente importante na caracterização da personagem, uma vez que acaba por ser uma metáfora visual da jornada do herói. Nas primeiras aparições televisivas, correspondendo à nomeação para o cargo de coordenador da *Task Force* da vacinação, Gouveia e Melo surge com farda azul-escura; durante o tempo de combate, enverga o camuflado, ora com boina, ora sem boina; nas últimas peças do período analisado, que dizem respeito ao final das funções na coordenação da campanha de vacinação, vemos o vice-almirante com o uniforme branco, de saída. A corroborar a metáfora, a 4 de setembro de 2021, Gouveia e Melo declara: “Eu vou despir este camuflado quando sentir que, de alguma forma, ganhámos a guerra ou, pelo menos, não a conseguimos fazer melhor.” Onze dias depois, Portugal torna-se no país do mundo com a maior taxa completa de vacinação. A 28 de setembro, o vice-almirante deixa as funções de coordenação da *Task Force*. Na última peça do *corpus* analisado, a repórter abre com a frase “arrumou o camuflado, vestiu o uniforme de saída e deu por terminada a missão”.

Deve sublinhar-se que os resultados da análise e a consequente leitura e interpretação dizem exclusivamente respeito à construção desta personagem pelos noticiários da RTP, canal de serviço público, como, aliás, se enuncia no título deste artigo. O acompanhamento da mediatização do processo de vacinação em Portugal, tendo permitido um contacto próximo e sistemático com outros meios de informação (imprensa, canais provados, revistas), deixa antever que outros meios poderão ter também contribuído para a heroicização desta figura pública, facto que só uma análise exaustiva e comparada poderá confirmar.

---

## REFERÊNCIAS

- Baroni, R. (2017). *Les rouages de l'intrigue. Les outils de la narratologie postclassique pour l'analyse des textes littéraires*. Slatkine Érudition.
- Bird, S. E. & Dardenne, R. W. (1993). Mito, registo e 'estórias': Explorando as qualidades narrativas das notícias. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: Questões, teorias e 'estórias'* (pp. 263-277). Vega.
- Bolter, D. & Grusin, R. (2000). *Remediation. Understanding new media*. MIT Press.
- Bordini, M. da G. (2006). A personagem na perspectiva dos estudos culturais. *Letras de Hoje*, 41(3), 135-142.
- Cádima, F. R. & Ferreira, I. (Coords.). (2021). *Perspetivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia*. Vol. I. Coleção ICNOVA.
- Campbell, J. (1949). *The hero with a thousand faces* (1<sup>st</sup> ed). Princeton University Press.
- Cathcart, R. S. (1994). From hero to celebrity: The media connection. In S. J. Drucker & R. S. Cathcart (Eds.), *American heroes in a media age* (pp. 36-46). Hampton Press.
- Conboy, M. & Tang, M. (2016). Core Blighty? How journalists define themselves through Metaphor. *Journalism Studies*, 17(7), 881-892. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1173521>.
- Correia, J. C. (2011). *O admirável mundo das notícias*. Teorias e Métodos. LabCom.
- Cunha, I. F. & Peixinho, A. T. (2021). *Análise dos media* (2.<sup>a</sup> ed. revista e aumentada). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Deuze, M. & Witschge, T. (2018). Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. *Journalism*, 19(2), 165-181.
- Elliott, J. (2005). *Using narrative in social research*. Sage Publications.
- Fulton, H., Dunne, A., Huissman, R. & Murphet, J. (Eds.). (2005). *Narrative and media*. Cambridge University Press.
- Gravengaard, G. (2011). The metaphors journalists live by: Journalists' conceptualisation of newswork. *Journalism*, 13(8), 1064-1082.
- Grusin, R. (2008). Remediation. In D. Herman; M. Jahn & M.-L. Ryan et al. (Eds.). *The Routledge encyclopedia of narrative theory* (2<sup>nd</sup> ed.) (pp. 497-498). Routledge.
- Hall, S. (2016). O espetáculo do "outro". In W. Oliveira & D. Miranda (Eds.), *Cultura e representação* (pp. 139-231). PUC – Apicuri.
- Halliday, M. A. K. (2004). *An introduction to functional grammar* (3<sup>rd</sup> ed.). Holder Arnold.
- Høyer, S. & Pöttker, H. (2005). *Diffusion of news paradigm 1850-2000*. Göteborg University.
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2014). *The elements of journalism* (3<sup>rd</sup> ed.). Crown.

- Lits, M. (2001). *Personne privée, personnage public. Médiatisation et éthique. Communication*, 20(2), 9-24.
- Lits, M. (2008). Les composants essentiels du récti. In *Du récit au récit médiatique* (pp. 113-184). DeBroeck.
- Lits, M. (2009). La construction du personnage dans la presse people. *Communication*, 27(9), 124-138.
- Lopes, F., Araújo, R., Magalhães, O., Santos, C., Burnay, C. D. & Peixinho, A. T. (2021). Covid-19: uma pandemia que reconfigura o jornalismo. *Media & Jornalismo – O Jornalismo na História contemporânea*, 22(39), 57-75. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_39\\_3](https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_3).
- Marion, P. (1993). *Traces en case, travail graphique, figuration narrative et participation du lecteur*. Académie Bruylant.
- Marion, P. (1997). Narratologie médiatique et médiagenie des récits. *Recherches en Communication*, 7, 61-88.
- Marques, I. F. (2021). *Narrativas do jornalismo português: a cobertura da morte de grandes figuras* [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/95272>.
- Martins, T. E. (2015). *Da construção da personagem política: Contributos para o estudo da personalização da política* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Mesquita, M. (2003). Personagem jornalística: da narratologia à deontologia. In *O quarto equívoco. O poder dos media na Sociedade Contemporânea* (pp. 123-141). MinervaCoimbra.
- Mesquita, M. (2022, fevereiro). Do prazer da boa história ao sonho do mapa-múndi. *Le Monde Diplomatique* (edição portuguesa).
- Motta, L. G. (2013). *Análise crítica da narrativa*. Editora UnB.
- Motta, L. G. (2013a). Hard news cognitive shift: From facts to narratives. In R. Cabecinhas & L. R. Abadia (Orgs.), *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches* (pp. 93-105). Universidade do Minho.
- Peixinho, A. T. (2014). Procedimentos retórico-narrativos de construção de personagens jornalísticas. *Revista de Estudos Literários*, 4 – “Personagem e Figuração”, 323-348.
- Peixinho, A. T. (2021). As figuras das notícias: pessoas ou personagens. In C. G. Riley, C. Henriques, P. M. Gomes & T. C. e Cunha (Coords.), *A liberdade por princípio. Estudos e testemunhos em homenagem a Mário Mesquita* (pp. 193-204). Tinta-da-China.
- Peixinho, A. T. (2023). Relatório de estudos narrativos mediáticos [Provas de Agregação]. Universidade de Coimbra.
- Peixinho, A. T., Lopes, F., Araújo, R., Santos, C. A., Burnay, C. & Magalhães, O. (2022). Vacinação: mais um capítulo na narrativa política da pandemia. *Estudos em Comunicação*, 34, 27-29. <https://doi.org/10.25768/1646-4979n34-03>.
- Phelan, J. (2006). Narrative Theory, 1966-2006: A Narrative. In R. Scholes, J. Phelan & R. Kellogg (Eds.), *The Nature of Narrative* (pp. 283-336). Oxford University Press.

- Phelan, J. (2008). Narratives in contest; on another twist in the narrative turn. *PMLA*, 123(1), 166-175.
- Reis, C. (2015). *Pessoas de livro: estudos sobre personagem*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Reis, C. (2018). *Dicionário de estudos narrativos*. Almedina.
- Reis, C. (2021). Figure, person, figuration. In C. Reis & S. Grünhagen (Eds.), *Characters and figures. Conceptual and critical approaches* (pp. 59-76). Almedina.
- Renner, K. N. (2020). Facts and factual narration in journalism. In M. Fludernik & M. L. Ryan (Eds.), *Narrative factuality. A handbook* (pp. 465-478). Walter de Gruyter.
- Resende, F. (2011). Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. *Compós XX Encontro da Compós*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. [www.compos.org.br](http://www.compos.org.br).
- Ricoeur, P. (1983). *Temps et récit I. L'intrigue et le récit historique*. Seuil.
- Riessman, C. K. (2005). Narrative analysis. In *Narrative, memory and Everyday Life* (pp. 1-7). University of Huddersfield.
- Ryan, M.-L. (2021). *Narrativa e estudos narrativos mediáticos*. Organização, edição e tradução de C. Reis, A. T. Peixinho e D. Maduro. CLP/De Facto Editores.
- Serrano, E. (2021). Jornalismo em tempo de pandemia: os novos formatos e os novos protagonistas da informação televisiva. In F. R. Cãmida & I. Ferreira (Coords.), *Perspetivas multidisciplinares da Comunicação em Contexto de Pandemia*, I, 50-71. ICNOVA.
- Tuchman, G. (1999). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (2.<sup>a</sup> ed) (pp. 74-90). Vega.
- Van Dijk, T. (2005). Notícias e conhecimento. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, II(2), 13-29.
- Vogler, C. (2007 [1998]). *The writer's journey: Mythic structure for writers*. Michael Wiese Productions.
- Zelizer, B. (2004). *Taking journalism seriously — News and the academy*. Sage.
- Zippel, F. (2020). Panfictionality and Panfictionalism. In M. Fludernik & M. L. Ryan (Eds.), *Narrative factuality. A Handbook* (pp. 127-132). Walter De Gruyter.